

## Investigação de esquistossomose e outras parasitoses intestinais no interior de Minas Gerais, Brasil

Marlene Cabrine-Santos<sup>1</sup>; José L. M. Rocha<sup>1</sup>; Bruna M. B. Kamimura<sup>1</sup>; Renata G. F. Moura<sup>2</sup>; Fabiana M. B. Motta<sup>2</sup>; Cristina C. H. Barata<sup>1</sup>; Márcia B. de Oliveira-Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Ciências da Saúde, Depto. Clínica Médica, UFTM. Email: marlene@biomedicina.uftm.edu.br. <sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Medicina Tropical e Infectologia, UFTM. <sup>3</sup>Instituto de Ciências Biológicas e Naturais, Depto. Microbiologia, Imunologia e Parasitologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), 38025-440 Uberaba, MG, Brasil.

Minas Gerais é uma área endêmica da esquistossomose abrangendo 519/853 municípios. Entretanto, sua distribuição é irregular com áreas de endemicidade alta, baixa ou nula. O Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba são áreas que apresentam focos de transmissão. A crescente migração de pessoas de áreas endêmicas para a região tem aumentado os casos de esquistossomose no Hospital de Clínicas-UFTM. Isso tem levado à preocupação com possíveis focos de transmissão da doença na região. Esse estudo investigou a ocorrência de esquistossomose e outras parasitoses intestinais numa cidade da região, onde o consumo de água não tratada e uso de lagoas/cachoeiras para recreação é uma realidade. O estudo foi realizado com alunos de uma escola pública e creches municipais e pacientes atendidos pelas Unidades de Saúde. Mini-cursos foram ministradas para 126 professores, 57 agentes de saúde e 583 alunos de 10-18 anos. Foram distribuídos potes para a coleta e uma amostra de fezes de cada indivíduo foi analisada pelos métodos de Lutz e Kato-Katz. Dos 1.476 potes distribuídos somente 582 amostras foram coletadas (39,4%). A ocorrência de parasitoses observada foi de 24,1% (140/582), sendo encontrados *G. intestinalis* (12,69%), *B. hominis* (10,97%), *E. histolytica/E. dispar* (1,37%), *Cryptosporidium spp* (0,17%), ancilostomídeos (0,68%), *T. trichiura*, *H. nana* e *S. stercoralis* (0,34%), *Taenia sp* e *E. vermicularis* (0,17%). A ocorrência de parasitoses em crianças de 0-6 anos foi de 37,2% (61/164), sendo a maior ocorrência de *G. intestinalis* (21,9%; 36/164). A observação de *E. coli* e *E. nana* ocorreu em 53/582 amostras, mostrando que 9,1% da população estudada tinham risco de adquirir uma infecção intestinal. Nenhuma amostra apresentou ovos de *S. mansoni*, sugerindo que, apesar do risco de transmissão da esquistossomose, isso não foi demonstrado neste estudo. Apesar do esforço da equipe para a conscientização sobre parasitoses, a adesão da população na realização do exame de fezes foi baixa.

**Palavras-chave:** parasitoses intestinais, esquistossomose, prevalência.

**Apoio:** FAPEMIG, UFTM